

A socialdemocracia e o Brasil real

A ideia de socialdemocracia (SD) desembarcou no Brasil no fim dos anos 1980 e foi apropriada em maior medida pelo PSDB, mas também, na época, pelo PDT e mesmo pelo PT. O fato é que o PSDB, um “partido de quadros”, ou seja, cheio de intelectuais de sotaque europeu e de políticos sem muito voto, como honrosas exceções, depois de um arrastado quarto lugar nas eleições de 1989, chegou ao poder de forma avassaladora e inesperada nas eleições de 1994.

É certo que a vitória não tinha propriamente que ver com a SD do PSDB, menos ainda com a sua reputação de indecisão, mas com o Plano Real, produto concedido por uns poucos economistas do PSDB, todos com pós-graduação em ilustres universidades americanas.

Com efeito, o mundo real foi um choque indelével para os tucanos, que chegaram ao poder como os franceses no Novo Mundo, no século XVI, e aqui descobriram a “cunhadagem”, a indolência dos nativos, e também dos colonos, mais chegados a uma esperteza que ao trabalho. Tudo diferente do que se esperava.

Para começar, em vez de iniciar o governo pensando num “Welfare State” (Estado do Bem Estar Social), a SD do B, então em formação, tinham mesmo era que administrar um pacote destinado a pôr fim a uma hiperinflação. Para quem esperava ser Felipe Gonzalez, era incômodo o papel de Joaquim Murtinho. Para quem tinha sido educado lendo Keynes, e aprendido (ou decorado) ao menos uma dúzia de maneiras de dizer que orçamento equilibrado era “coisa de neoclássicos”, era penoso transformar-se em uma espécie de tesoureiro de um país que reconhecidamente havia se tornado uma espécie de alcoólatra em matéria de irresponsabilidade fiscal e inflação.

Para quem tinha uma embocadura nacionalista foi igualmente chocante perceber que o aparato protecionista havia degenerado em uma imensa máquina de geração de privilégios e “rendas de monopólio”, o mesmo valendo para a política industrial. Para quem imaginava criar parcerias europeias, tripartite e concertadas, entre setor público e empresas privadas, o que se via eram conluíus espúrios, com vistas a pilhar o Estado, centenas de maneiras de se apropriar da regulação pública para benefício privado. Eram tempos do “BNDES Hospital” e de “exames de similaridade”, conduzidos por entidades de classe, para barrar importações, e menos remotamente, de câmaras setoriais, entre outras práticas hoje extintas, ou adormecidas.

Para quem esperava comandar uma esclarecida e germânica burocracia weberiana, era ultrajante perceber que o vezo era o da defesa intransigente de *alguns* interesses nacionais, e apenas estes.

Também melancólico era ver a maioria das estatais quebradas, muitas consumidas pelo corporativismo ou coisa pior. Para alguém de esquerda, que historicamente não gosta de banco, nada poderia ser pior que ver quebrados muitos, ou quase todos, os bancos públicos e muitos dos maiores bancos privados, ter de montar operações para sanear o sistema financeiro a fim de proteger o depositante, que não tem culpa de nada, e ver-se, por fim, acusado de governar para os bancos.

Pior que tudo, todavia, era a Previdência: o que na Europa era um dos pilares básicos do “Welfare State”, no Brasil havia se tornado uma máquina de criação e reprodução de desigualdade numa escala impensável.

Como a SD do B devia lidar com isso tudo? Abertura? Privatização? Saneamento bancário? O regime cambial? A indexação? Onde olhar para uma solução? Onde encontrar um terreiro para psicografar Max Weber? Ou “receber” o “espírito de Weimar”? O que foi feito da “Terceira Via”?

Enquanto não era governo, e não tinha que resolver os problemas do mundo real a SD do B tinha tantas dúvidas que o “muro”, não o de Berlim mas o da hesitação, se tornou sua maldição. O poder levou o PSDB do Muro à vidraça. Já o PT, mais socialista e mesmo comunista que SD, em vez de lidar com suas dúvidas usando um muro desenvolveu a habilidade de atirar pedras. E o fez com tamanha competência que chegou ao poder. A partir de agora deverá levar muitos sustos, esquecer seu passado todo dia um pouco e amadurecer. Oxalá.